

Regina Weber\*  
Elenita Malta Pereira\*\*

## HALBWACHS E A MEMÓRIA: CONTRIBUIÇÕES À HISTÓRIA CULTURAL

**Resumo:** O objeto deste artigo é a fecundidade do conceito de memória coletiva proposto por Maurice Halbwachs, percebida através das críticas que recebeu e diálogos que promoveu em várias disciplinas. A partir de algumas das críticas mais importantes que o autor recebeu em vida – principalmente de seus colegas em Strasbourg –, e de alguns estudos recentes em ciências humanas, pretendemos verificar como suas noções contribuíram para os estudos históricos, particularmente para o campo da história cultural.

**Palavras-chave:** Maurice Halbwachs, memória coletiva, memória cultural, história cultural.

**Abstract:** The subject of this article is the fruitfulness of the concept of collective memory proposed by Maurice Halbwachs, seen in all criticism he received and dialogs he promoted in many disciplines. From some of the most relevant criticism - mainly from his peers in Strasbourg – and from latest studies in human sciences, we intend to find how his concepts contributed to history, in particular to cultural history.

**Keywords** Maurice Halbwachs, collective memory, cultural memory, cultural history.

Retomar o contexto intelectual no qual Halbwachs desenvolveu suas análises sobre o fenômeno da memória pode nos auxiliar a melhor compreendê-las. Filósofo em sua primeira formação, Maurice Halbwachs (1877-1945) foi aluno de Henri Bergson (1859-1941), pelo qual foi influenciado no início de seus estudos. Lecionou em vários Liceus e, após pesquisar sobre Stendhal e Rembrandt, passou o ano de 1904 na Alemanha, em Hannover, trabalhando com obras de Leibnitz. A partir dessa estada no exterior, começou a romper com a Filosofia e, após refletir muito sobre a emergente ciência da Sociologia, conheceu o sociólogo Émile Durkheim (1858-1917), do qual se tornou discípulo. Voltou a ser estudante, embrenhando-se em várias matérias (direito, economia política, matemática), vivendo de uma bolsa de estudos

---

\* Doutora em Antropologia Social pela UFRJ. Docente do PPGHIST – UFRGS. E mail. reginaw@terra.com.br

\*\* Mestranda em História – UFRGS. E mail. elenitalta@gmail.com

em Paris. Trabalhou no conselho editorial de *Année Sociologique*<sup>1</sup> com François Simiand<sup>2</sup>, quando editou a seção de economia e estatística.

Em 1913, doutorou-se com a tese *A Classe Operária e os Níveis de Vida*, onde se deparou com o problema das classes sociais e, refletindo sobre a diversidade dos comportamentos, tendências e sentimentos humanos, concebeu a idéia de que “o homem se caracteriza essencialmente por seu grau de integração no tecido das relações sociais” (ALEXANDRE, 2006, p. 23). Em *Les Cadres Sociaux de la Mémoire*, de 1925, Halbwachs reafirma essa idéia, aprofundando-a, ao mostrar que não é possível conceber o problema da recordação e da localização das lembranças sem tomar como referência os contextos sociais que são a base para a construção da memória (DUVIGNAUD, 2006, p. 8). Influenciado também pela obra de Freud, *A Interpretação dos Sonhos*, tentou entender a formação da memória no indivíduo e na coletividade. No entanto, Halbwachs concebe o sonho de forma diferente da recordação, pois, para ele, o sonho é individual e está fora do sistema de relações sociais; nele as imagens aparecem isoladas do contexto. Já a recordação, entendida como atividade construtiva e racional da mente, precisa de um meio social, consciente, para realizar-se, os grandes marcos da memória da sociedade (HALBWACHS, 2004, p. 56). Neste sentido, valorizando o sentido “voluntário” da memória, opõe-se a Bergson e Proust, como veremos a seguir.

Em 1919, tornou-se professor de Sociologia na Universidade de Strasbourg, onde formou um grupo de trocas intelectuais com Lucien Febvre e como dois de seus principais críticos contemporâneos, Marc Bloch, e Charles Blondel. Uma década depois, o percurso intelectual de Halbwachs e de outros strasbourguenses desenrolou-se em Paris, onde buscou, em diversos momentos, ocupar a cátedra de Sociologia no Collège de France (MUCCHIELLI, PLUET-DESPATIN, 2001).

Os últimos anos de Halbwachs coincidiram com a Segunda Guerra Mundial. Ele lutou contra a propaganda anti-semita nazista que era divulgada por meio do rádio e do cinema. No artigo “La mémoire collective chez les musiciens” se apresenta não só contra o nazismo alemão, mas também contra sua ideologia espiritual, representada pela música-propaganda de Wagner. Poucos meses após ter sido nomeado professor do Collège de France, em 1944, foi

---

<sup>1</sup> Revista fundada em 1898 por Émile Durkheim para divulgar seus estudos e de seus alunos. É publicada até hoje, na França.

<sup>2</sup> Aluno de Durkheim e Bergson, sociólogo, economista e professor do Collège de France, Simiand (1873-1935) combateu a escola metódica, debatendo com Charles Seignobos e Charles Victor Langlois. Propôs uma maior cooperação entre a História e as Ciências Sociais, e suas reflexões, publicadas em 1903 na *Revue de Synthèse Historique*, influenciaram os fundadores da Escola dos Annales (FONSECA, ROIZ, 2006, p. 230-232).

preso pela Gestapo, em decorrência do envolvimento de seu filho com a resistência francesa, e levado para o campo de concentração de Bunchenwald. Assim como o historiador Marc Bloch, foi vítima da barbárie nazista, morrendo, por doença e exaustão, em março de 1945. Deixou um legado muito importante para as Ciências Humanas, uma contribuição que ainda pode ajudar a entender o fascinante campo da memória.

A obra mais conhecida de Halbwachs, muito citada em trabalhos sobre memória é *A memória Coletiva*, publicada postumamente em 1950. Extraída de anotações deixadas pelo autor, reafirma as relações entre sociedade e pensamento. Para ele, a memória sempre tinha um fundo social, coletivo. Ninguém poderia lembrar-se realmente de algo fora do âmbito da sociedade, pois a evocação de recordações é sempre feita recorrendo aos outros, seja a família, ou demais grupos. Além disso, em trechos da obra, ele responde a seus dois principais críticos, Bloch e Blondel.

Segundo Paul Sabourin, a sociologia da memória de Halbwachs situa-se no projeto da chamada Escola Francesa de Sociologia, que procurou descrever as propriedades morfológicas da vida social humana (SABOURIN, 1997, p. 6). Em *As regras do método sociológico* (1895), Durkheim, define “fato social”<sup>3</sup> e esquematiza o método base, através do qual a Sociologia estaria habilitada para estudar os fenômenos sociais.

Para estabelecer a Sociologia como ciência, Durkheim opõe-se à visão filosófica da autonomia individual. Não é o indivíduo que determina a sociedade, mas a sociedade que condiciona o indivíduo. A subjetividade existe, porém é limitada. Ele introduz o conceito de “representações coletivas”, que “originam-se das relações que se estabelecem entre os indivíduos assim combinados ou entre os grupos secundários que se intercalam entre o indivíduo e a sociedade total” (DURKHEIM, 1970, p. 33). Para compreender como a sociedade representa a si própria e ao mundo que a rodeia, é a natureza da sociedade, e não a de particulares, que deve ser considerada.

O pensamento de Halbwachs insere-se na perspectiva social do mestre para explicar o funcionamento da memória, tema principal de sua obra. Analisando conjuntamente as obras de Mauss,<sup>4</sup> Halbwachs e Jean-Christophe Marcel entende que ambos os discípulos foram além, promovendo uma espécie de “fenomenologia racionalista” que busca descrever como o indivíduo vivencia seu pertencimento à sociedade (MARCEL, 2004, p. 7). Tanto Mauss

---

<sup>3</sup> Para Durkheim, fato social é “toda a maneira de fazer, fixada ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior: ou então, que é geral no âmbito de uma dada sociedade tendo, ao mesmo tempo, uma existência própria, independente das suas manifestações individuais” (DURKHEIM, 2001, p. 40).

<sup>4</sup> Marcel Mauss era sobrinho de Durkheim e juntos escreveram um dos textos mais clássicos no estudo de representações, “Algumas Formas Primitivas de Classificação” (ver MAUSS, 1981).

quanto Halbwachs utilizariam mais a proposta de uma “psicologia coletiva” do que a da Sociologia; Mauss na tentativa de definir o âmbito e os métodos da psicologia coletiva, e Halbwachs procurando mostrar como, em cada indivíduo, uma consciência diferente da consciência individual cria um sentimento de pertença ao grupo que influencia a percepção e comportamento em sociedade. A candidatura de Halbwachs ao Collège de France foi apresentada como uma síntese das teses antagônicas do psicologismo e do sociologismo (MUCCHIELLI, PLUET-DESPATIN, 2001, p. 19).

### **A questão da memória em Halbwachs**

Os estudos de Halbwachs estão centrados nas condições sociais da memória, tentando traçar uma ponte entre a Psicologia e a Sociologia. A memória, até o início do século XX, era objeto de reflexão dos filósofos, que procuravam através dela compreender o significado da vida humana (SANTOS, 2003, p. 11). Halbwachs, na década de 1920, estabelece o conceito de memória coletiva, no campo da Sociologia, acreditando que a memória é influenciada pelos quadros sociais que a antecedem e determinam.

Myriam Sepúlveda Santos considera o trabalho de Halbwachs sobre memória coletiva “como uma radicalização das primeiras tentativas de Bergson de des-subjetivar a noção de memória” (SANTOS, 2003, p.21). Quando começou a fazer parte do grupo de Durkheim, agregou a seus estudos ideias defendidas por este, a principal delas que o coletivo determinava o individual, a sociedade sobrepujava o indivíduo. A concepção de memória de Halbwachs, portanto, baseava-se na ideia de que esta era formada através “dos laços sociais existentes entre indivíduos constituídos no presente” (SANTOS, p. 21). Halbwachs entendia que os quadros sociais da memória eram a combinação das lembranças individuais de vários membros de uma mesma sociedade (HALBWACHS, 1925, p. 7).

No primeiro capítulo de *A Memória Coletiva*, Halbwachs expõe sua teoria sobre a memória, esperando comprovar, através de uma série de exemplos, o fundo social, coletivo, de praticamente todas as nossas lembranças. Narrando em primeira pessoa, o autor cita acontecimentos de sua vida particular, tais como passeios, viagens, visitas, que provocaram recordações posteriores. Entretanto, ao lembrar-se desses eventos, afirma não estar sozinho, pois em pensamento, situava-se “neste ou naquele grupo” (HALBWACHS, 2006, p. 31). As pessoas com quem conviveu naquelas experiências compartilharam das mesmas lembranças e se tornaram “testemunhos”, necessários para confirmar ou recordar uma lembrança. Para a

permanência da lembrança é preciso que ainda façamos parte do grupo. Lembramo-nos dos eventos, enquanto as pessoas envolvidas estejam fazendo parte de nosso contexto.

Halbwachs não exclui totalmente a possibilidade de recordações individuais, o que chama de “intuição sensível”, para distinguir “das percepções em que entram alguns elementos do pensamento social”; contudo, acredita que “fatos desse tipo sejam muito raros, até mesmo excepcionais” (HALBWACHS, 2006, p. 42), o que lhe renderia muitas críticas, como veremos a seguir. Servindo-se de recordações de infância própria e de outros autores, Halbwachs quer demonstrar a importância da família para a constituição das primeiras memórias, pois o primeiro grupo social da criança é a família.

As lembranças podem voltar à nossa mente através de imagens. Halbwachs cita seu primeiro mestre, Bergson, para tratar do “reconhecimento por imagens”, que ele entende como a ligação da imagem de um objeto (pessoa, paisagem, etc.), vista ou evocada, a outras imagens que, juntas, formam uma espécie de quadro. Para lembrarmos do rosto de um amigo que não vemos há muito tempo, por exemplo, é necessário reunir várias lembranças parciais, ligar inúmeras recordações. Afinal, além de imagem visual, um rosto comporta também expressões, que podem demonstrar emoções ou pensamentos que facilitam a recordação. Desta junção, surge o reconhecimento.

Halbwachs argumenta que o pensamento coletivo comanda a sociedade através de uma “lógica da percepção que se impõe ao grupo e que o ajuda a compreender e a combinar todas as noções que lhe chegam do mundo exterior” (HALBWACHS, 2006, p. 61). A representação do espaço, através da geografia, topografia, física é determinada pela “lógica da percepção” do grupo; vemos os objetos segundo essas noções que nos são ensinadas pela sociedade desde cedo. As lembranças também passariam por essa mesma lógica, ou seja, “leis da percepção coletiva” explicariam recordações de lembranças que se referem ao mundo.

Um dos desdobramentos da ideia de memória coletiva de Halbwachs está em sua crítica à nossa insistência em atribuir a nós mesmos ideias, reflexões, sentimentos e emoções que os grupos de que fazemos parte nos inspiraram. Muitas vezes expressamos reflexões tiradas do jornal, da conversa com amigos, de um livro, como se fossem nossas. “Quantas pessoas têm espírito crítico suficiente para discernir no que pensam a participação de outros, e para confessar para si mesmos que o mais das vezes nada acrescentam de seu?” (HALBWACHS, 2006, p. 65). O capítulo, entretanto, é finalizado com a ressalva de que, apesar de a memória coletiva ter como base um conjunto de pessoas, “são os indivíduos que se lembram, enquanto integrantes do grupo (...) cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva”, que muda conforme o lugar que o indivíduo ocupa no grupo.

Portanto, Halbwachs percebe a importância dos indivíduos, porém, sua relevância advém do grupo, da união de suas lembranças na formação da memória coletiva.

Halbwachs opõe memória coletiva e memória histórica. Para tratar desta última, argumenta que nascemos num contexto em andamento; fatos históricos importantes já ocorreram antes de nossa passagem pelo mundo. Não podemos nos lembrar deles, pois não os vivenciamos; temos acesso a eles através da escola, dos livros, das conversas de nossos pais. Tais fatos históricos seriam parte de uma “memória da nação” e, quando evocados, faz-se necessário recorrer à memória de outros, que é a única fonte possível para acessá-los.

Para o autor, nossa memória não se apóia na história aprendida, mas na história vivida. A “nossa” memória é a coletiva, vivenciada. A história começaria no ponto em que a memória social (amparada no grupo vivo) se apaga, pois é necessária distância para escrever a história de um período. Para que a memória dos acontecimentos não se disperse, não se perca, deve ocorrer a fixação por escrito das narrativas, pois “os escritos permanecem, enquanto as palavras e o pensamento morrem” (HALBWACHS, 2006, p. 101).

Especialmente importante para os historiadores é a distinção que Halbwachs introduz entre memória e história. Ele mesmo considera que a expressão “memória histórica” não é muito feliz, pois associa termos que se opõem. Na visão de Halbwachs a história difere da memória principalmente pelo caráter de registro do passado, fixado pela escrita, enquanto que a memória é fruto dos testemunhos de uma época, remontando sempre a um presente em movimento. Halbwachs encontra ainda mais dois aspectos para distingui-las. O primeiro é que, em sua visão, a memória coletiva é “uma corrente de pensamento contínuo, de uma continuidade que nada tem de artificial, pois não retém do passado senão o que está vivo ou é capaz de viver na consciência do grupo que a mantém” (HALBWACHS, 2006, p. 102). Já a história, fora e acima dos grupos, introduz divisões simples na corrente dos fatos, organizando-os, para garantir um texto inteligível, suprimindo a necessidade didática de esquematização. O segundo aspecto refere-se ao fato da história ser um “painel de mudanças”, onde apenas é perceptível a soma das transformações que levam a um resultado final, pois a história “examina os grupos de fora e abrange um período bastante longo”. Ao contrário, “a memória coletiva é o grupo visto de dentro e durante um período que não ultrapassa a duração média da vida humana” (Halbwachs, 2006, p. 109); é um “painel de semelhanças”, portanto.

## Críticas e diálogos

Nesta parte do artigo, enfocaremos dois de seus principais críticos contemporâneos, Marc Bloch e Charles Blondel, com os quais Halbwachs dialogou. A seguir, examinaremos alguns dos debates atuais que demonstram o caráter seminal da obra do autor.

O historiador Marc Bloch, um dos fundadores da Escola dos Annales, foi colega de Halbwachs na Universidade de Strasbourg. A favor de uma maior integração entre as Ciências Humanas, Bloch escreveu uma resenha de *Les Cadres Sociaux de la Mémoire*, na *Revue de Synthèse Historique*, em 1925, na qual critica alguns dos pressupostos do livro de Halbwachs. Em sua leitura desta resenha, Hernán Sorgentini (2003, p. 106) entende que Bloch concorda com Halbwachs na utilização de categorias de origem social situadas no espaço e tempo. Entretanto, pode-se observar que Bloch lamentou que a memória jurídica e o costume foram deixados de lado (BLOCH, 1925, p.76). O texto de Bloch principia de modo irônico, admitindo que “et n'eût certainement pas poussé la témérité jusqu'à en rendre compte”<sup>5</sup>. Comentando a noção de Halbwachs sobre os sonhos, Bloch criticou que ela se encontrava em completa contradição com a psicologia bergsoniana (BLOCH, 1925, p. 74).

O próprio conceito de memória coletiva é questionável para Bloch, porque, em muitos casos, podemos estar usando erroneamente o termo, em questões que envolvem apenas a comunicação entre os indivíduos. Outra crítica contundente aparece no questionamento sobre o modo como as lembranças coletivas passam de geração a geração num mesmo grupo. Bloch acredita que a resposta deve variar de acordo com o grupo, e que Halbwachs negligencia a questão, tocando-a muito de leve, quando a resolve afirmando que a sociedade é obrigada a se unir a novos valores, apoiar-se em outras tradições, em relação com suas necessidades e tendências atuais. Por esta omissão, Bloch culpa o vocabulário durkheimiano caracterizado pela aplicação ao coletivo de termos emprestados da psicologia individual. Ele acredita que as palavras “memória coletiva” são expressivas e podem ser utilizadas, entretanto, sem confundir os mecanismos pelos quais um indivíduo ou uma sociedade guardam suas lembranças. São processos diferentes. Para que um grupo guarde sua memória, não basta que os indivíduos se lembrem, é necessário também que os mais idosos não negligenciem a transmissão dessas representações aos mais jovens.

Em *A Memória Coletiva*, mais de vinte anos depois, Halbwachs responde a essa crítica. Concorde com Bloch que os avós seriam os transmissores da memória aos netos, na

---

<sup>5</sup> Uma forma equivalente em português seria “e certamente empurrei temerariamente até dar conta”.

medida que “uns e outros se desinteressam pelos acontecimentos contemporâneos em que se prende a atenção dos pais” (HALBWACHS, 2006, p. 84). Para os avós, os netos estão no lugar de seus filhos, que “teriam permanecido crianças e não estariam totalmente presos na vida da sociedade do presente”. Para Halbwachs, portanto, essa transmissão se daria naturalmente, pelo convívio intergeracional.

Mas a crítica mais teórica de Bloch é quanto a própria concepção de história de Halbwachs, uma visão tradicional sobre a objetividade e imparcialidade do conhecimento histórico, a qual primava pelas classificações e divisões do tempo histórico. Segundo Sorgentini (2003, p. 106), a forma como Halbwachs opõe memória e história incomoda Bloch, que percebe como problemática a “objetividad ingenua” atribuída à história “y la constatación de la existencia de una función práctica de la historia detectada a la luz de la exploración de las funciones de la memoria”, pois o objetivo da história “es precisamente tender un puente entre el pasado y el presente”.

Outro argumento de Bloch é que a memória, tanto a coletiva como a individual, não conserva exatamente o passado, ela o reconstrói incessantemente, partindo do presente. Toda a memória é um esforço (BLOCH, 1925, p.77). Afinal, a memória só pode ser elaborada no presente, a partir de um passado repensado, re-significado, ao longo do tempo, por um indivíduo, ou uma coletividade, o que Halbwachs, em outras palavras, reconhece no texto dos anos quarenta.

No final do polêmico artigo, entretanto, Bloch reconhece os méritos da obra de Halbwachs, independente das observações feitas,

[...] ele nos presta um serviço precioso, que ninguém melhor que um historiador, frequentemente fechado, pelas necessidades do ofício, nas pequenas tarefas da erudição, saberia estimar em seu verdadeiro valor: ele nos obriga a refletir sobre as próprias condições do desenvolvimento histórico da humanidade; pois, o que seria esse desenvolvimento sem a memória coletiva?<sup>6</sup> (BLOCH, 1925, p.82-83).

Psicólogo, Charles Blondel (1876-1939), assim como Halbwachs e Bloch, também lecionava em Strasbourg e era herdeiro da geração de fundadores das ciências humanas na universidade. Concluiu Doutorado em Letras em 1914, tornando-se professor da Faculdade de Letras de Strasbourg. Segundo Lawrence Mucchielli (1999, p. 107), Blondel pode ser descrito, em parte, como um “psicólogo durkheimiano” na medida em que aderiu ao projeto

---

<sup>6</sup> No original: “[...] il nous rend un service précieux que nul mieux qu'un historien, trop souvent enfermé, par les nécessités même du métier, dans les petites besognes de l'érudition, ne saurait estimer à sa juste valeur: il nous oblige à réfléchir sur les conditions mêmes du développement historique de l'humanité: car, que serait ce développement sans la mémoire collective?”. Tradução das autoras.



teórico do fundador da escola sociológica francesa. Blondel e Halbwachs tinham características importantes em comum: pertencentes à mesma geração receberam as mesmas influências (Bergson e Durkheim) e foram nomeados professores na Faculdade de Letras de Strasbourg no mesmo ano, 1919. Juntamente com Marc Bloch e Lucien Febvre, eles formaram um dos grupos acadêmicos franceses mais importantes dos anos 1920 (MUCCHIELLI, 1999, p.109). Para Mucchelli, esse ambiente propiciava uma rivalidade clara entre Halbwachs e Blondel.

Os debates começaram com a publicação de *Les Cadres Sociaux de la Mémoire*. Os estudos de Halbwachs sobre memória, bem como sobre afasia<sup>7</sup> incomodaram Blondel. Ele também trabalhava com memória, na perspectiva da psicologia social, e parece sentir que Halbwachs invade seu território, criticando o que denominou de "imperialismo sociológico" ou "pansociologismo" (MUCCHIELLI, 1999, p. 116). Preocupado com relação às fronteiras disciplinares, Blondel classificou o trabalho de Halbwachs como "psicofisiologia". Mucchelli (1999, p.116) acredita que esse sentimento de invasão faz com que Blondel não discuta a fundo a teoria de Halbwachs sobre afasia, bem como a que este propõe sobre o suicídio.

Para o que nos interessa aqui, a crítica mais forte de Blondel é que nem todas as nossas lembranças precisam de "quadros sociais" para apoiar-se. Ele criticou a forma pela qual a memória individual era reduzida ao fenômeno coletivo (SANTOS, 2003, 38). Citando um episódio particular vivido na sua própria infância, ele enfatiza que o contexto não é imprescindível para a recordação do evento, pois para aquilo que ele rememora como uma sensação de medo, seus pais dão uma versão divertida (MUCCHELLI, 1999, p. 118). A emoção infantil, nesse caso, foi tão forte, que resistiu à construção com a ajuda de marcadores sociais.

Nas respostas a Blondel, Halbwachs mostra um temperamento menos polêmico. Em *A Memória Coletiva*, Halbwachs comenta um episódio da infância relatado pelo psicólogo, em que este, ao entrar numa casa abandonada, teria caído num buraco contendo água. Para Halbwachs, somente colocando-se no ponto de vista da família que nela viveu foi possível recordar o fato. Ele admite que Blondel poderia objetar que essa recordação não tem nenhuma relação com sua própria família (principal grupo de referência para a criança), entretanto,

---

<sup>7</sup> Doença que causa distúrbios na expressão pela escrita ou por sinais, ou de compreensão da fala ou da escrita. As pesquisas neurológicas até o início do século XX explicavam a afasia por um mau funcionamento do cérebro. Halbwachs, entretanto, duvida que haja uma causa única para um distúrbio que se manifesta de diferentes maneiras de pessoa para pessoa. Ele critica a explicação para a afasia, bem como para o sonho e até mesmo para doenças mentais, dada apenas em termos biológicos e individuais, apontando outras justificativas para compreender tais fenômenos: problemas de consciência social, como a perda de quadros sociais da memória, linguagem, inteligência, consciência, deveriam ser considerados (MUCCHELLI, 1999, p. 113-14).

mesmo ausente, invisível, há uma corrente de pensamentos e sentimentos que ligam a criança aos seus (HALBWACHS, 2006, p. 47). Este ponto pode ser considerado o centro da teoria de Halbwachs, emanada de Durkheim: nem mesmo quando estamos sozinhos deixamos de pertencer a quadros sociais, que nos influenciam, apesar de sua ausência, ou invisibilidade.

Para Mucchelli, Halbwachs recebia e respondia suas críticas de forma tranquila, num tom de conciliação, apaziguador, se comparado com seus críticos. Parece que ele queria mais uma interação entre as disciplinas do que colocar fronteiras entre elas, como era a preocupação de Blondel.<sup>8</sup>

Depois dos estudos de Halbwachs, quaisquer estudos sobre memória não podem desconhecer sua obra. Suas pesquisas insuflaram diversas disciplinas: a Antropologia, a Psicologia, a Sociologia, a Filosofia e a História. Por conta de diferentes debates e apropriações, ao longo dos anos, surgiram críticas – algumas valorativas, outras nem tanto – às suas formulações. Na sequência, na revisão destes diálogos, estão encadeadas algumas proximidades e os avanços analíticos baseados nas ideias de Halbwachs, sem a pretensão de dar conta da vasta influência deste autor nas ciências humanas contemporâneas.

O sociólogo Michael Pollak explorou as ligações entre a memória e o sentimento de identidade. A partir dos elementos constitutivos desta – pertencimento ao grupo, continuidade dentro do tempo, e sentimento de coerência – , Pollak (1992, p. 5) afirma que a memória colabora no sentimento de identidade “na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si”. A relação entre a memória e a identidade está, portanto, baseada no pertencimento do indivíduo a um grupo social. Estudioso de identidade em situações extremas, Pollak introduz a análise da dimensão política da memória, afirmando que a memória de um grupo, muitas vezes, constitui-se através de “verdadeiras batalhas”, na disputa sobre qual versão predominará sobre determinado episódio. Entre o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido são feitas escolhas, tornando a memória e o esquecimento “os dois lados da mesma moeda”. Retomando Durkheim, para Pollak (1989, p. 2) “não se trata mais de lidar os fatos sociais como coisas, mas de analisar como os fatos sociais se tornam coisas, como e por quem eles são solidificados e dotados de duração e estabilidade”.

---

<sup>8</sup> Halbwachs e Blondel protagonizaram ainda um debate sobre o livro do primeiro, *Les Causes du Suicide* (1930). Para Halbwachs, o suicídio devia ser compreendido a partir de uma perspectiva sociológica, fenomenológica e de personalidade (ver MUCCHELLI, 1999).

Para definir qual memória será guardada, é necessário o trabalho de enquadramento, elaborado por um grupo, uma sociedade ou nação, para reforçar sentimentos de pertencimento. A referência ao passado é muito importante para a coesão interna dos grupos e para defender as fronteiras daquilo que os integrantes tem em comum. Nesse sentido, Pollak (1989, p. 7) cita o historiador Henry Rousso, concordando com este que “memória enquadrada” é um termo mais específico do que memória coletiva. E esse trabalho requer um investimento, porque não pode ser construído arbitrariamente; a memória vencedora deve ser justificada, para evitar injustiças e violência.

Seguindo os passos de Halbwachs, Rousso (2005, p. 94) caracteriza a memória como "uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional". Para Rousso, a memória é a presença do passado, e esse aspecto teria influenciado os historiadores a estudarem fenômenos contemporâneos, recentes, tendo que lidar com as consequências dessa “presença”. A existência de uma memória coletiva nem sempre é evidente. Rousso propõe aos historiadores uma história das representações do passado observadas em determinada época e lugar, que permitiria chegar próximo da noção de memória coletiva. Esse seria o objetivo de uma história da memória. Infelizmente, ele reconhece que ela tem sido, quase sempre, uma história dos “ressentimentos”, quando esta seria apenas uma das possibilidades com potencial de serem pesquisadas. O autor propõe que se ultrapasse uma oposição sumária entre história e memória, admitindo que a memória tem uma história que é preciso compreender (ROUSSO, 2005, p. 97).<sup>9</sup>

Uma relativização da operacionalidade do conceito de memória coletiva de Halbwachs é feita por Alessandro Portelli, na análise do massacre de Civitella Val di Chiana, através de depoimentos orais. Para Portelli (2005, p. 127), “não se deve esquecer que a elaboração da memória e o ato de lembrar são sempre individuais: pessoas e não grupos, se lembram (...) se toda a memória fosse coletiva, bastaria uma testemunha para uma cultura inteira”. Ele concorda que a memória é um fenômeno social que pode ser compartilhado, porém ela só se materializa nos discursos individuais, e só pode ser coletiva quando separada do individual, no mito, no folclore, na delegação e nas instituições tais como escola, Igreja, Estado, partido.

A crítica mais frequente a Halbwachs está centrada na sua noção da memória como social, coletiva, deixando pouco espaço para lembranças individuais. Como Portelli, Gilmar

---

<sup>9</sup> Para uma visão crítica da noção de memória de Rousso na obra *The Vichy Syndrome*, ver Confino (1997, p. 1393).

Arruda (2000) encontra problemas no conceito de memória coletiva. Apoiado em Fentress e Wickham, que consideram que Halbwachs, pela influência de Durkheim, concedeu destaque excessivo à natureza coletiva da consciência social e desprezou o relacionamento entre a consciência individual e as coletividades constituídas pelos indivíduos, Arruda diferencia memória coletiva e memória social. Esta última estaria vinculada à existência de “lugares de memória”, com existência simbólica. Para este autor, o problema, é estabelecer “uma concepção de memória que não abandone o lado coletivo da vida consciente e ao mesmo tempo não transforme os indivíduos em espécies de autômatos, passivamente obedientes à vontade coletiva interiorizada” (ARRUDA, 2000, p. 51). O caráter social da memória se dá através de sua expressão pela da linguagem, um mecanismo social que confere à recordação compartilhada um significado de identificação emocional, político, geográfico, visual, entre outros, para os sujeitos ouvintes do relato. Arruda reconhece que, mesmo usando o outro termo, “memória social”, não se escapa da necessidade de grupos, para que exista uma memória. Ele menciona também que os próprios críticos de Halbwachs, Fentress e Wickham admitem que o conceito de memória coletiva pode evitar confusões com o inconsciente coletivo de Jung. Na argumentação de Arruda, pode-se observar a vitalidade das noções propostas por Halbwachs, pois a crítica parece mais confirmá-las do que a desautorizá-las.

Em *História e Memória*, Jacques Le Goff utiliza memória coletiva e memória social no mesmo sentido. Ele reconhece o trabalho de Halbwachs como um estímulo da Sociologia para explorar o novo conceito (memória coletiva). Para Le Goff (2003, p. 29), a memória coletiva é um dos objetos da história, que ele vê como “essencialmente mítica, deformada, anacrônica, mas constitui o vivido dessa relação nunca acabada entre o presente e o passado” e que cabe à história “ajudá-la a retificar os seus erros”. Como Pollak, Le Goff (2003, p. 422) reconhece que a memória coletiva é passível de manipulação nas lutas pelo poder: “tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas”. Ela é, ao mesmo tempo, instrumento e objeto de poder.

Le Goff menciona uma “nova memória coletiva”, a partir dos estudos de Pierre Nora, que considera a história sob pressão das memórias coletivas. A memória se transformou num bem de consumo, que as sociedades estão ávidas por “comprar” e proteger contra o esquecimento, nos “lugares” apropriados. Nas colocações de Le Goff há um tom de quase indignação com a proeminência atual da memória sobre a história, quando deveria ser o contrário, a memória como objeto, fonte, para a história. De modo diverso, Jacy Alves de

Seixas, critica essa “apropriação” da memória pela história. Prisioneira da história, só restaria àquela os “lugares de memória”.

Seixas (2001b, p. 40) afirma que a sociologia da memória de Halbwachs é a “base teórica fundamental à maioria dos trabalhos historiográficos” e que influenciou fortemente as concepções de Nora. A partir de Halbwachs, Nora oporá ainda mais radicalmente história e memória, considerando esta última como elemento fundamental na constituição da identidade e nas disputas políticas.<sup>10</sup> Para Seixas, essa abordagem é um tanto simplificadora, pois além de só considerar a memória voluntária<sup>11</sup>, coloca a memória com a função de “servir à história”. A autora propõe uma nova maneira de se estudar a memória, que passe a considerar “a dimensão afetiva e descontínua das experiências humanas, sociais e políticas; a função criativa inscrita na memória de atualização do passado”, iluminando também a memória “a partir de seus próprios refletores e prismas” (SEIXAS, 2001b, p. 44). Isso quer dizer incorporar a dimensão involuntária<sup>12</sup> e afetiva da memória, além dos aspectos políticos, que já foram mencionados acima.

Em outro artigo, a partir da tese central de Halbwachs, “de que a memória significa fundamentalmente reconstruir um passado a partir dos quadros sociais do presente”, Seixas (2001a, p. 97) se interroga sobre a “realidade” da memória, e sobre a “ambiguidade da memória coletiva hoje”, pois, se, de um lado a memória funda identidades, de outro carrega violências, exclusões, afetividades ressentidas que levam a conflitos e guerras. Seixas infere que Halbwachs caracteriza a memória pela diferenciação que o sociólogo faz entre sonho e recordação. Retomando Halbwachs (2004, p. 49), no sonho, as imagens que o compõem estão soltas, não se ligam

en nada a nuestras representaciones del estado de vigilia, es decir a nuestras percepciones, y al cuadro de conjunto de nuestro pasado. Es muy distinto tratándose de recuerdos. Éstos no se presentan de manera aislada. En circunstancias mismas que nuestra atención y nuestro interés se concentran en uno de ellos, sentimos muy bien que otros están también allí, que se ordenan siguiendo las grandes direcciones y los principales puntos de referencia de nuestra memoria, exactamente como tal línea, tal figura se desprenden de un cuadro cuya composición general no es conocida.

---

<sup>10</sup> "A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos (...) aberta à dialética da lembrança, e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações (...) a história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado" (NORA, 1993, p. 9).

<sup>11</sup> A memória voluntária é, segundo Bergson, adquirida pela repetição de nossos hábitos. Essa concepção também pode ser percebida em trechos de *Em busca do Tempo Perdido*, de Marcel Proust. Influenciado pela filosofia de Bergson, Proust (1948, p. 44) acredita que as informações que a memória voluntária (a memória da inteligência) nos dá sobre o passado não conservam nada deste.

<sup>12</sup> Segundo Augusto Meyer, na primeira parte de *No caminho de Swann*, o motivo capital de Proust é "a associação evocativa, por meio da memória inconsciente, sujeita ao acaso das sensações" (MEYER, 1948, p. 2).

Caracterizando o sonho como desligado da realidade, dos “quadros sociais”, a memória é definida por oposição, pelo que não é (SEIXAS, 2001a, p. 99). A memória, ao contrário dos sonhos, é portadora de “realidade”, pois se apóia no social, que é objetivo e exterior. Para Seixas, isso é um problema, na medida em que essa “racionalidade” se opõe à dimensão sentimental, imaginativa, e sensorial da memória. Em suma, Seixas, a nosso ver, faz uma crítica negativa e outra positiva a Halbwachs. A negativa é o forte dualismo entre, por um lado, o sonho, fantasia, imaginação, sentimentos, e, por outro, a “realidade” da memória, delimitada pelos quadros sociais. A autora propõe superar essa dualidade, considerando os dois aspectos principais da memória: a evocação e a erupção, ou como citado anteriormente, a dinâmica da memória voluntária e involuntária, conectando “consciência e emoção”. O salto positivo, em direção ao futuro, que Seixas (2001a, p. 107) percebe em Halbwachs e considera “formidável intuição halbwachiana da modernidade e pós-modernidade” é a constatação da multiplicidade de memórias, que levam à tão prezada, nos dias atuais, diversidade. Para Halbwachs, o caráter múltiplo, plural, das memórias coletivas era fator de equilíbrio, para unir os indivíduos. Contudo, como perceberam Pollak, e outros estudiosos, a memória tem sido alvo de disputas e conflitos, o que teria passado despercebido a Halbwachs.

Neste ponto de nossa análise, Ricoeur pode contribuir com a discussão. Quando este comenta a teoria dos “lugares de memória” de Pierre Nora, relata que a memória está tão em voga (principalmente a partir dos anos 1980), porque não existe mais. Ricoeur (2007, p. 413) constata um “despregamento, término, acabamento, passado definitivamente morto: tantas palavras que falam do desaparecimento. Os sinais: o fim dos camponeses; o fim das sociedades-memória (Igreja, escola, família, Estado); o fim das ideologias-memória que ligam o futuro projetado ao passado lembrado”. Retomando Halbwachs, podemos afirmar que, quando escreve seus estudos, as “sociedades-memória” ainda estavam “vivas”, o que transparece em diversos trechos de *A Memória Coletiva*, pelos comentários de episódios da infância, vividos em família, ou sobre a relação professor-aluno, sobre acontecimentos históricos, etc. A crítica de Ricoeur a Halbwachs prima pelas sutilezas. Questionando se *A Memória Coletiva* terminaria “se enrijecendo num dogmatismo surpreendente” (2007, p. 133), o próprio Ricoeur responde que “é no ato pessoal da recordação que foi inicialmente procurada e encontrada a marca do social”. O ponto de partida de Halbwachs o contradiz, pois, segundo Ricoeur, a forma como constrói o início do texto – a partir de *suas recordações individuais* - volta-se contra a tese que procura defender. Portanto, Ricoeur conclui que há espaço para a memória individual em Halbwachs.

É pertinente observar a instrumentalização do conceito de memória coletiva na pesquisa. A partir de uma investigação antropológica sobre relatos de imigrantes ucranianos e de seus descendentes a respeito de sua chegada ao Brasil, Paulo Renato Guérios, entende que, ao definir a "memória coletiva", Halbwachs insidiosa naquilo que o autor considera um problema na teoria de Durkheim, a crença na existência de uma consciência coletiva, exterior e superior aos indivíduos, na qual estes se fundem para não serem senão sua emanção. Designando uma faculdade individual, o emprego da palavra "memória" associada ao coletivo seria fonte de equívocos:

O objeto "memória coletiva" parece desde a sua demarcação criar mais dificuldades do que esclarecimentos para a compreensão dos mecanismos sociais ligados à percepção do passado: o termo "memória" remete a uma faculdade humana, uma categoria a priori do espírito humano, cujo portador seria um indivíduo moldado por um grupo antropomorfizado; o termo "coletivo" remete à homogeneidade de um grupo tido como totalizado, estável e imutável (GUÉRIOS, 2008, p. 370).

Utilizando relatos escritos por colonos (ucranianos e descendentes) de Prudentópolis, em diferentes datas (1897 a 1951), Guérios verificou que as memórias destes variavam. Cada depoimento era diferente do outro, porém as variações seguiam um padrão, de acordo com a posição social ocupada pelo indivíduo. Neste sentido, Guérios inferiu, em seu caso de estudo, que "a 'memória' da migração não é um bloco homogêneo, uma "memória coletiva" compartilhada por todos os rutenos que vieram ao Brasil"(GUÉRIOS, 2008, p. 388). Através dos documentos analisados, o autor percebeu um "passado em movimento", pelas reconstruções que sofre, ao ser contado e recontado, ao longo do tempo, por diferentes indivíduos.

Guérios (2008, p. 391) afirma "a inexistência de uma 'memória coletiva' unívoca, como defendia Maurice Halbwachs em sua obra". Os relatos estudados apresentavam tanto elementos convergentes como divergentes, e com isso o autor quer "chamar a atenção para o fato de que a percepção dos eventos passados é constituída por um determinado grupo a partir de categorias e esquemas de percepção compartilhados por seus membros". Ou seja, não basta pertencer a determinado grupo, para compartilhar determinada recordação, é necessário levar em consideração o lugar dos indivíduos dentro dos grupos. Sua posição social e suas experiências anteriores é que influenciarão como e o quê será lembrado mais tarde. Entretanto, na defesa de Halbwachs, parece-nos que ele não defendia uma "memória unívoca", e sim múltiplas memórias, pois os indivíduos fazem parte de diversos grupos, ao mesmo tempo, o que influencia seus quadros sociais. Do modo semelhante, Nora, que segue

as concepções de Halbwachs, postula a memória como o elo de ligação em um grupo e, portanto, “há tantas memórias quantos grupos existem; ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada” (NORA, 1993, p. 9). As respostas dos ucranianos podem variar conforme os subgrupos nos quais eles estejam inseridos.

Fernando Catroga entende o trabalho de Halbwachs no contexto em que foi produzido, em que os paradigmas positivista e organicista eram referência para a produção do conhecimento. Catroga (2001, p. 46), apesar das críticas ao excessivo peso do coletivo nas formulações de Halbwachs, concorda que “não se pode negar” que a memória “se dá dentro de quadros sociais”. O pesquisador português, por outro lado, relativiza a diferença e a distância entre memória e história. Para ele, existem diferenças entre as duas, porém, assim como a memória, a história nasceu contra o esquecimento, que não é exclusivo da memória, pois na escrita da história há muitos esquecimentos. Além disso, a escrita da história, para Catroga, também é um ato de re-presentificação. Como o historiador é um “ser do presente”, a história que ele escrever também será influenciada por questões atuais, inclusive na escolha dos temas que serão tratados, como Marc Bloch já havia comentado em *Apologia da História*. As inquietações do presente influenciarão as perguntas que o historiador fará sobre o passado.

Assim como a memória, a história também é capaz de justificar a Nação – como Halbwachs percebeu – e a construção de identidades. A própria historiografia pode ser “fonte produtora (e legitimadora) de memórias e tradições, chegando mesmo a conferir credibilidade cientista a novos mitos de (re)fundação e de identificação de grupos sociais, ou da própria Nação” (CATROGA, 2001, p. 58), até mesmo reiventando e sacralizando heróis e origens “positivas”.

## **A contribuição para a história cultural**

Um dos prolongamentos fecundos das ideias de Halbwachs, particularmente para a história cultural, está na noção de “memória cultural”, tal como operada por Jan Assmann, o qual renovou os estudos sobre memória, influenciado tanto pela obra de Halbwachs, como de Aby Warburg, que formulou a expressão “memória social”<sup>13</sup>. Assmann trabalha com o conceito de “memória cultural”. Ao contrário da história, em geral genealógica, a memória cultural é descontínua e se baseia numa distância do cotidiano, com um horizonte mais fixo.

---

<sup>13</sup> O alemão Abraham Moritz Warburg, mais conhecido como Aby Warburg (1866-1929), foi historiador da arte. Seus interesses incluíam “filosofia, psicologia e antropologia, bem como história cultural do Ocidente, desde a Grécia antiga até o século XVII” (BURKE, 2005, p. 21).



Assmann segue a reflexão de Halbwachs, expondo que o caráter específico de uma pessoa deriva do seu pertencimento a uma distinta sociedade e cultura. A "sobrevivência da espécie", no sentido de uma pseudo-espécie cultural, é uma função da memória cultural (ASSMANN, 1995, p. 125-126).

O autor concebe dois tipos de memória: uma comunicativa, de todos os dias, próxima, e a outra, a cultural, caracterizada pela distância do dia-a-dia. O conceito de memória cultural seria uma espécie de renovação no campo da memória, uma atualização da ideia de memória coletiva de Halbwachs.

Assmann atribui seis características à memória cultural: a relação com o grupo, que produz a identidade; a capacidade de reconstrução, pois a memória não pode preservar o passado, cada era reconstrói sua memória dentro do sistema de referência contemporâneo; a transmissão da herança cultural necessita de objetos que cristalizem significados para os integrantes do grupo; necessidade de organização na transmissão da memória; compromisso, pois ela forma a auto-imagem de um grupo e um claro sistema de valores e diferenciações que estruturam a fonte cultural do conhecimento e dos símbolos (ASSMANN, 1995, p. 131). A última característica é a reflexividade, em três aspectos: prático, através de termos, provérbios {Huizinga}, rituais, etc; auto-reflexivo, em que ela extrai de si mesma elementos para explicar, distinguir, controlar, reinterpretar o grupo; reflexão sobre sua própria imagem e do grupo, preocupada com o sistema social.

A memória cultural, nessa concepção, serve para estabilizar a auto-imagem da sociedade. Através de sua herança cultural, uma sociedade (ou grupo) se torna visível a si mesma e aos outros. A memória se torna, portanto, elemento chave na formação das diferentes identidades. Essa formulação, de certo modo, já presente em Halbwachs, da pluralidade da memória, pode auxiliar a explicar as bases do multiculturalismo, fenômeno tão forte no século XXI. Através da memória cultural, portanto, é que os grupos constroem sua identidade, preservam suas tradições, ritos e costumes, elaboram a representação de si mesmos e dos outros, bem como reforçam seu sentimento de pertencimento, adesão.

Contemporâneo de Halbwachs, Warburg usou, mas nunca desenvolveu sistematicamente a noção de memória social (*soziales Gedächtnis*). Para Warburg, todos os produtos humanos eram expressões da memória social humana transmitida através de símbolos, desde os tempos antigos (CONFINO, 1997, p. 1390). O trabalho de arte individual tinha valor acima de tudo como um registro, como uma resposta extremamente complexa da memória humana para uma situação particular. A qualidade peculiar dos artefatos estava na

sua função de mediação social - como memória e resposta<sup>14</sup> (FORSTER, 1976, p. 172). A memória, em Warburg, era o resumo total da história humana e indicava respostas diferentes, de acordo com a situação enfrentada. Ao analisar artefatos artísticos, Warburg considerava sua instrumentalização dentro de um contexto cultural. Fora deste, o trabalho de arte era como um abandonado em ambiente estranho (FORSTER, 1976, p. 172-73).

Conjugando a contribuição de Warburg e Halbwachs, e também a história das mentalidades de Bloch, Confino (1997, p. 1391) busca um estudo da memória que relaciona o todo e suas partes, que veja a sociedade como uma entidade global – social, simbólica, política – onde diferentes memórias interagem. A "construção" da memória coletiva precisa ser analisada juntamente com a "recepção", ou, em outras palavras, como um processo em que diferentes representações estão em contestação (p. 1397). Uma história da memória articularia percepções particulares da memória no contexto de uma sociedade como um universo simbólico partilhado. Focando o estudo da memória, Confino (1997, p. 1402) realiza uma dupla crítica à história cultural: por um lado, à redução da cultura ao político e ao ideológico, por exemplo, quando se privilegia as representações da nacionalidade; por outro, à redução da cultura a uma vaga noção de memória, em que esta é separada de outras memórias e da cultura envolvente.

Namer (2007) percebe a contribuição de Halbwachs para uma memória cultural, na medida em que “encuentra su camino multiplicando los desvios” (NAMER, 2004, p. 346), oferecendo um caminho para estudar a memória fora de dogmatismos e de traçados de sistemas. Para este autor, elementos importantes da teoria desenvolvida em *A Memória Coletiva* estão associados à posição antinazista de Halbwachs, já mencionada no início deste artigo. Como antídoto à memória da propaganda, transmitida pelos meios de comunicação, estariam as correntes de memórias, que são correntes de memórias culturais, memórias de valores, ao mesmo tempo em que de fatos. Para Namer, os estudos de Halbwachs, em 1925, foram o ápice de um movimento cultural, que estava em andamento na Europa, desde o final do século XIX:

En Viena de 1880 a 1917, y a partir de Viena en toda Europa, la cuestión de la memoria se encontraba en el corazón de la cultura con la aparición simultánea de grandes obras sobre el tema, las de Halbwachs y las de Bergson, y con anterioridad las de Freud en psicología, las de Svebo y Proust en literatura y las de Mahler en música (NAMER, 2004, p. 346).

---

<sup>14</sup> Com o conceito de *resposta*, Warburg sacrificou uma das mais valorizadas noções da história da arte acadêmica em seu tempo, o conceito de autonomia, no que diz respeito tanto aos valores estéticos como aos artistas (FORSTER, 1976, p. 172).

Namer atribui a Nietzsche a origem para uma efervescência cultural de questionamentos sobre memória, “un impetuoso movimiento en contra de la modernidad y con todo lo que tuviera que ver con su poética, su racionalismo, sus ideales kantianos, su racionalidad funcional y sus ilusiones de progreso democrático y científico” (NAMER, 2004, p. 347). Ele percebe já em Maquiavel, Montesquieu e Rousseau um “pensamiento presociológico”, que prepara o terreno para que Halbwachs desenvolvesse uma sociologia da memória. Abordando um ponto que o mestre Durkheim não desenvolvera, a memória, Halbwachs desenvolve suas ideias calcado na base do pensamento sociológico do início da disciplina, “la idea de una totalidad social anterior al individuo con un valor infinitamente superior, puesto que esa totalidad (...) surgirá contra la revolución francesa y el individualismo” (NAMER, 2004, p. 349).

Invertendo os termos da expressão, Estevão Martins (2007, p.10) opera noções de Halbwachs ao situar o papel da "cultura memorial" sobre o comportamento individual e coletivo. Esta memória garantiria "segurança, conformidade e certeza" e "a naturalidade da autoconcepção de pessoas e comunidades", ou, em outras palavras, um "mecanismo histórico da construção do tempo social permite a transversalidade mencionada e a identificação transgeracional da memória". Considerando que esta possa conter crenças que pareçam irracionais a outros ou que não passem "pelo crivo da análise historiográfica ou filosófica", Martins (2007, p. 7) pondera, de modo semelhante a autores comentados anteriormente, que a experiência da 1ª Guerra Mundial e o testemunho da ascensão dos regimes fascistas "conduzem Halbwachs a formar um juízo duro com respeito à autonomia subjetiva dos indivíduos na constituição de suas memórias".

A influência das ideias de Halbwachs pode ser observada em diferentes campos. Francisco Marshall (2008, p. 2), historiador classicista, percebe na ideia de Halbwachs um “trânsito constitutivo entre o social e o individual que ajuda a compreender simultaneamente a mente e a sociedade”, o que considera positivo, pois permite estudar os eventos que constituíram os quadros sociais da memória, quando se realizaram historicamente. As pesquisas do sociólogo verificaram a dependência entre o passado e o presente, sendo digno de permanência o que uma sociedade reconstrói no seu quadro contemporâneo de referências.

Talvez a mensagem essencial que o conceito de memória coletiva traga para o nosso tempo seja que, por mais que tentemos, nunca estamos sozinhos. A nossa vida, em relação com o *outro*, produz representações, imagens, recordações. Perceber essa alteridade na memória foi uma das grandes contribuições de Halbwachs. Entretanto, faltou em sua teoria

constatar que a memória é um bem político que pode ser objeto de conflitos. Neste sentido, a contribuição de Pollak, partindo de Halbwachs, tornou-se fundamental, pois é no embate que se decide o que vai ser preservado entre os grupos, o que é digno de comemoração e transmissão.

Para aquilatar a dimensão da contribuição de Halbwachs poderíamos tentar enumerar as obras em que este autor está presente como um referencial quase obrigatório. Entretanto este caminho seria inteminável, mesmo se optássemos por algum corte específico. Mais sugestivo nos pareceu tentar acompanhar a quase ininterrupta sucessão de críticas às ideias do autor ao longo de quase um século, ainda que de um modo imperfeito e por vezes panorâmico.

Contudo, além das críticas, buscamos elencar os desdobramentos das noções de Halbwachs, particularmente no campo da história cultural. A reformulação de uma noção ou sua conjugação com noções de outras correntes de pensamento, demonstra sua fecundidade. Conjugando a "memória social" de Warburg e a memória coletiva de Halbwachs, Assmann propõe a noção de "memória cultural". Também resgatando as diferentes contribuições dos anos 1920, mentalidade, memória social, memória coletiva, Confino objetiva evitar tanto o essencialismo que atribui homogeneidade cultural a uma sociedade heterogênea, quanto a ênfase num imaginário particular desconectado do contexto histórico global, risco sempre atribuído aos estudos em história cultural.

No cruzamento entre a história e a sociologia estão tanto os estudos de Halbwachs sobre a memória, na primeira metade do século XX, quanto a história cultural da segunda metade deste século. Se a reformulação de antigas noções continua se processando, também não descansa o trabalho da crítica destas novas noções e a releitura dos textos de outrora. A permanência da obra de Halbwachs revela a importância do assunto e do autor; enquanto a renovação do debate indica a vitalidade do tema e a atualidade das questões.

### **Referências Bibliográficas**

ALEXANDRE, J-Michel. Introdução. Maurice Halbwachs 1877-1945. In: HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006, p. 17-25.

ARRUDA, Gilmar. *Cidades e sertões: Entre a história e a memória*. Bauru, SP: EDUSC, 2000.

ASSMANN, Jas. Collective Memory and Cultural Identity. In: *New German Critique*. n. 65, Cultural History/Cultural Studies, (Spring-Summer, 1995), p. 125-133. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/488538>>. Acesso em 08/04/2008.

BLOCH, Marc. Mémoire collective, tradition et coutume a propôs d'un livre récent. In: *Revue de Synthèse Historique*. Tome XL, Paris, 1925. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k365103v.image.f75.langFR>>. Acesso em: 01/09/2009.

BLOCH, Marc. *Apologia da História*. Ou o ofício de historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

CAMARGO, Flávio Pereira. A mitologia da memória literária: a memória voluntária e involuntária em Proust. In: *REVELLI*. Revista de Educação, Linguagem e Literatura da UEG-Inhumas, v. 1, n. 1, março de 2009. Disponível em: <[http://www.ueginhumas.com/revelli/numero\\_1/Artigo04.pdf](http://www.ueginhumas.com/revelli/numero_1/Artigo04.pdf)> Acesso em: 15/09/2009.

CATROGA, Fernando. Memória e História. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). *Fronteiras do milênio*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001.

CONFINO, Alon. Collective Memory and Cultural History: Problems of Method. *American Historical Review*. v. 102. n. 5. dec. 1997. p. 1386-1403. Disponível em <<http://www.jstor.org/pss/2171069>>. Acesso em 12/01/2010.

DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Martin Claret, 2001.

DURKHEIM, Émile, 1970. *Sociologia e Filosofia*. Rio de Janeiro: Cia. Editora Forense, 1970.

DUVIGNAUD, Jean. Prefácio. In: HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. . São Paulo: Centauro, 2006, p. 7-16.

FONSECA, André D., ROIZ, Diogo da Silva. História e Ciências Sociais: um longo debate. In: Revista *HISTEDBR* Online. Campinas: n. 21, p. 230-232, março 2006. Disponível em: <[http://www.histedbr.fae.unicamp.br/res8\\_21.pdf](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/res8_21.pdf)>Aceso em: 20/08/2009.

FORSTER, Kurt W. Aby Warburg's History of Art: Collective Memory and the Social Mediation of Images. *Daedalus – the Journal of the American Academy of Arts and Sciences*. Boston, Massachusetts, v. 105, n. 1, Winter 1976, p. 169-176.

GUÉRIOS, Paulo Renato. As condições sociais de produção das lembranças entre imigrantes ucranianos. In: *Mana*. Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, out. 2008, p. 367-398.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

HALBWACHS, Maurice. *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris: Les Presses universitaires de France, Nouvelle édition, 1952.

- HALBWACHS, Maurice. *Los marcos sociales de la memoria*. Barcelona, Antropos, 2004.
- MARCEL, Jean-Christophe. Mauss et Halbwachs: vers la fondation d'une psychologie collective (1920-1945). In: *Sociologie et sociétés*. v. 36, n. 2, aut. 2004, p. 73-90. Montréal: Les Presses de l'Université de Montréal. Disponível em: <[http://classiques.uqac.ca/contemporains/marcel\\_jean\\_christophe/mauss\\_et\\_halbwachs/mauss\\_et\\_halbwachs.html](http://classiques.uqac.ca/contemporains/marcel_jean_christophe/mauss_et_halbwachs/mauss_et_halbwachs.html)> Acesso em: 15/08/2009.
- MARSHALL, Francisco. Memória cultural, conceito e projeto. In: HAEWICZ, Tiago (org). *Memória Cultural Polonesa* (Apresentação). Porto Alegre: Ed. Vidrágua, 2008.
- MARTINS, Estevão de Rezende. Tempo e memória: a construção social da lembrança e do esquecimento. *Liber Intellectus*. Universidade Federal de Goiás. v. 1, n. 1, junho de 2007. Disponível em: <<http://www.liberintellectus.org/artigosn1.html>>. Acesso em 03/01/2010.
- MAUSS, Marcel. *Ensaio de Sociologia*. Perspectiva: São Paulo, 1981
- MEYER, Augusto. Notas para a leitura de No caminho de Swann. In: PROUST, Marcel. *No caminho de Swann*. Em busca do tempo perdido. Porto Alegre: Editora Globo, 1948.
- MUCCHIELLI, Lawrence. Pour une psychologie collective: l'héritage durkheimien d'Halbwachs et sa rivalité avec Blondel durant l'entre-deux-guerres. In: *Revue d'histoire des sciences humaines*. n. 1. 1999/1. Disponível em: <<http://www.cairn.info/revue-histoire-des-sciences-humaines-1999-1-page-103.htm>> Acesso em: 15/09/2009.
- MUCCHIELLI, Laurent; PLUET-DESPATIN, Jacqueline. Halbwachs no Collège de France. *Revista Brasileira de História*. v. 21, n. 40. 2001. p. 13-23.
- NAMER, Gerard. Le contre-temps démocratique chez Halbwachs. *Cahiers de Psychologie Politique*. n. 11. jui. 2007. Disponível em: <<http://odel.irevues.inist.fr/cahierspsychologiepolitique/index.php?id=563>>. Acesso em 18/09/2009.
- NAMER, Gérard. Posfácio. In: HALBWACHS, Maurice. *Los marcos sociales de la memoria*. Barcelona: Antropos, 2004. p. 345-352.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: *Projeto História*. São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In: AMADO, Janaína, FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

PROUST, Marcel. *No caminho de Swann*. Em busca do tempo perdido. Porto Alegre: Editora Globo, 1948.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2007.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: AMADO, Janaína, FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

SABOURIN, Paul.. Perspective sur la mémoire sociale de Maurice Halbwachs. In: *Sociologie et Sociétés*, v. XXIX, n. 2, aut. 1997, p. 139-161. Montréal: PUM. Disponível em: <[http://classiques.uqac.ca/contemporains/sabourin\\_paul/memoire\\_soc\\_Halbwachs/memoire\\_soc.html](http://classiques.uqac.ca/contemporains/sabourin_paul/memoire_soc_Halbwachs/memoire_soc.html)> Acesso em: 15/08/2009.

SANTOS, Myrian Sepúlveda. *Memória coletiva e teoria social*. São Paulo: Annablume, 2003.

SEIXAS, Jacy Alves de. Halbwachs e a memória – reconstrução do passado: memória coletiva e história. In: *História*, São Paulo, 20, 2001. p. 93-108.

SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de memórias em terras de histórias: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, Stella, NAXARA, Márcia (orgs.) *Memória e Ressentimento: Indagações sobre uma questão sensível*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

SORGENTINI, Hernán. Reflexión sobre la memoria y autorreflexión de la historia. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 23, n. 45, 2003. p. 103-128.